

## **Conceição Souza<sup>1</sup>**

Consumo, sociabilidade e memória no processo de  
ressignificação identitária: o caso da  
Feira de Refugiados Chega Junto.

*Consumption, sociability and memory in the process of  
identity reassignment: the case of the  
Refugee Fair Comes Together.*

---

1       Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM) - UERJ. Mestre em Administração (Fundação Getulio Vargas - FGV), Especialização em Gestão de Marketing ( UNESA). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa CAC - UERJ (Comunicação, Arte e Cidade - UERJ), do Laboratório de Pesquisa LACON - UERJ (Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo - UERJ) e do DIASPOTICS - UFRJ (Estudos sobre Imigração). E-mail: conceicaosouza6614@gmail.com

## RESUMO

O objetivo deste artigo é procurar entender o papel do consumo, das sociabilidades e da memória no processo de resignificação identitária dos imigrantes-refugiados que fixaram residência na cidade do Rio de Janeiro, sendo, portanto, este grupo, o objeto de estudo deste trabalho. A sociedade contemporânea apresenta uma complexidade socioeconômica e política que impacta na economia e na rotina de várias sociedades. Neste cenário, o imigrante-refugiado se apresenta como um sujeito híbrido por excelência, símbolo do sujeito contemporâneo e cosmopolita, transitando por fronteiras físicas e simbólicas. O processo de hibridização e resignificação identitária se dá durante toda a diáspora, onde há o pressuposto da diferença, colocando em oposição o que está dentro e o que está fora. Tem início na desterritorialização, onde estas pessoas são obrigadas a abandonar seus locais de origem devido a toda sorte de perseguições. O processo continua na reterritorialização, onde se dá a vinculação, a construção de novas territorialidades e a negociação por espaços físicos e simbólicos. É importante ressaltar que a resignificação identitária ocorre em meio a conflitos e negociações, pois como pano de fundo há o encontro (e confronto) com paradigmas já existentes, tangibilizados por regras e códigos próprios, presentes no cotidiano dos moradores da cidade. O *locus* de observação é a Feira de Refugiados Chega Junto, que acontece mensalmente no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto preparam os pratos típicos, os imigrantes-refugiados são invadidos por lembranças de uma vida não mais possível e independentemente do viés transacional, este ato é para eles uma forma de reconstituir vínculos perdidos. Mesmo fragmentada e sujeita a variações, a memória dá a estas pessoas um sentido de continuidade e coerência no tempo. Imersos num novo tecido social, surgem novas identidades, formas de experiências, aprendizados e sociabilidades. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, a observação participante e entrevistas abertas.

**Palavras-chave:** identidade; consumo; memória; sociabilidade; interação.

## ABSTRACT

*The aim of this article is to seek to understand the role of consumption (mainly symbolic), sociability and memory in the process of identity re-meaning of the immigrants-refugees who migrated to the city of Rio de Janeiro, therefore, this group, the object of study of this study. Contemporary society presents a socio-economic and political complexity that greatly impacts on the economy and the routine of various societies. In this scenario, the immigrant-refugee presents himself as a hybrid subject par excellence, symbol of the contemporary and cosmopolitan subject, transiting through physical and symbolic boundaries. The process of hybridization and identity remeaning takes place throughout the diaspora, where there is the assumption of difference, putting in opposition what is inside and what is outside. It begins with the deterritorialization, where these people are forced to leave their places of origin because of all kinds of persecution. The process continues in reterritorialization, where there is the linking, the construction of new territorialities and the negotiation by physical and symbolic spaces. It is important to emphasize that identity re-meaning occurs in the midst of conflicts and negotiations, because as a background there is the encounter (and confrontation) with paradigms already existing, tangible by own rules and codes, present in the daily lives of the residents of the city. The observation locus is the Refugee Fair Arrives Together, which happens monthly in the neighborhood of Botafogo, in Rio de Janeiro. While preparing the typical dishes, the immigrants-refugees are invaded by memories of a life no longer possible and regardless of the transactional bias, this act is for them a way to reconstitute lost ties. Even fragmented and subject to variations, memory gives these people a sense of continuity and consistency in time. Immersed in a new social fabric, new identities, forms of experiences, learning and sociability emerge. The methodology used was bibliographic review, participant observation and open interviews.*

**Keywords:** identity; consumption; memory; sociability; Interaction.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea apresenta uma complexidade política internacional (terrorismo, recrudescimento da intolerância, ascensão da extrema direita) que impacta, sobremaneira, a economia e a rotina de várias comunidades, de várias nações. Uma das consequências mais relevantes é a existência de fluxos internacionais de pessoas, incluindo os imigrantes-refugiados, para todas as partes do mundo, inclusive para o Brasil.

Sobre a questão das diásporas que vêm ocorrendo no âmbito global, de acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, em 2016 havia no mundo mais de 65 milhões de pessoas que saíram de seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Grande Guerra. Desta maneira, pesquisar questões relacionadas a este grupo de pessoas se configura como um objeto de reflexão para entender os fenômenos sociais, políticos e culturais que marcam a contemporaneidade.

O objetivo deste trabalho é procurar entender o papel do consumo (principalmente simbólico), das sociabilidades e da memória no processo de ressignificação identitária dos imigrantes-refugiados que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, sendo este grupo, portanto, o objeto de estudo deste trabalho. O *locus* de observação é a Feira de Refugiados Chega Junto. Para além do viés transacional, a Feira é um espaço transcultural, de consumo imaterial e trocas simbólicas, bem como palco de múltiplas interações e sociabilidades. Neste plural ambiente a comida é a protagonista, atuando como signo identitário e elemento de vinculação e mediação entre os imigrantes-refugiados, os vários atores sociais envolvidos e a sociedade carioca. É de maneira concomitante um sistema de comunicação e um corpo de imagens, sendo ainda, um protocolo de usos, situações e comportamentos.

Este *locus* carregado de sentidos pode ser entendido como a representação de uma sociedade globalizada e pós-moderna, pois apresenta a multiterritorialidade, onde, num mesmo lugar, é possível encontrar pessoas das mais diferentes origens; a multiculturalidade, uma vez que nos espaços multiculturais encontra-se uma gama de diferentes culturas e opções simbólicas e, por fim, a transculturalidade, fazendo alusão às interações e hibridismos resultantes do cruzamento das diferentes culturas, proporcionando trocas e fusões estilísticas.

A pesquisa bibliográfica foi usada para embasar os conceitos sociológicos e comunicacionais apresentados no texto. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a observação participante e entrevistas abertas. A escolha da metodologia é devido ao entendimento que uma das formas de realizar a pesquisa é ir a campo e observar as interações, sendo, ainda, uma interessante e produtiva forma de entrar em contato com o universo a ser pesquisado. As entrevistas possuem o intuito de aprofundar os dados observados.

A primeira visita à Feira ocorreu no dia 31/03/2019. Na ocasião procurei me despir de qualquer ideia pré-concebida. Minha intenção foi apenas observar, interagir e experimentar, enfim, deixar o campo “falar”. Nas visitas subsequentes,

diferentemente da primeira, procurei observar aspectos previamente definidos e sempre que possível busquei realizar entrevistas informais, porém roteirizadas, com os imigrantes-refugiados e com os participantes. Em cada visita permaneci por aproximadamente 5h, procurando mesclar momentos de interação com momentos de pura observação. Buscava interagir tanto com os imigrantes-refugiados quanto com os demais visitantes. A observação se dava no ato de circular pelo espaço apreendendo situações que chamavam minha atenção. No total, realizei 12 visitas, todas registradas em diários de campo.

## 2 A QUESTÃO MIGRATÓRIA NO BRASIL E NO MUNDO, NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

[...] E de que modo é afetada a alma quando lhe é subtraída a terra pátria sobre a qual se humanizou em intrincados processos históricos e psicológicos? Quanto tempo decorre até que esta substância anímica possa fincar raízes em outro solo? A muda transplantada adapta-se ou se transforma? A alma transmigrada é bem recebida pela outra, no lugar de desembarque? (GAMBINI, 2006)

A questão migratória é de ordem transnacional, própria de uma sociedade globalizada. Como fenômeno pós-estado-nação e por isso mesmo marcada pela ruptura entre questões nacionais e identitárias, é preciso que sejam levados em consideração, aspectos culturais, territoriais e linguísticos, indo além da questão das fronteiras formais (HAJII, 2010). Para Sayad (1998), a migração é um fato social total, uma vez que extrapola as fronteiras do cotidiano e influencia as ações humanas, no espaço público e privado.

Pessoas e famílias inteiras ao migrarem, vítimas de um processo diaspórico forçado, o fazem por diversos motivos. Embora as histórias sejam diferentes, normalmente possuem traços comuns, como perseguições, dificuldades econômicas, busca por emprego, moradia, educação e saúde. Enfim, fatores ligados a luta pela cidadania que, de alguma maneira, lhes foi negada no país de origem e que igualmente é difícil de conquistar no local de destino. Estas pessoas deixam para trás projetos de vida, famílias, histórias, identidades e afetos. O imigrante-refugiado se apresenta como um sujeito híbrido por excelência, símbolo do sujeito contemporâneo, ao mesmo tempo nativo, estrangeiro e cosmopolita, se configurando como um objeto de reflexão para entender os fenômenos sociais e políticos que marcam a contemporaneidade, fazendo surgir, ainda, uma maior compreensão de si e do outro.

Hall (2009), um dos principais pensadores a tratar o tema da diáspora, afirma que em seu sentido puro ela é baseada na perspectiva da diferença, onde há o pressuposto da existência de um outro, que coloca em oposição o que está dentro e o que está fora. O autor define bem o sentimento diaspórico ao dizer que estas pessoas estão “longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre tardia” (2009, p. 393).

Sayad (1998, p. 11), complementa ao dizer que “[...] o imigrante é atópos, sem lugar, deslocado [...], nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro”. É a experimentação do sentimento da ruptura e perda onde, de maneira dicotômica, vivem a situação de querer partir tendo que ficar e ter que ficar querendo partir, numa incessante busca pelo seu lugar no mundo.

Uma das principais consequências dessa dicotomia é a crise identitária, proveniente de uma dupla descentração: a perda do seu lugar em si e a perda do seu lugar no mundo (HALL, 2009). A diáspora pressupõe o fenômeno do deslocamento no espaço e no tempo; é o deslocamento do espaço primordial para um espaço desconhecido. A realidade deixada para trás carrega consigo tanto as chagas de uma vida de sofrimento quanto o vislumbre de um amanhã melhor, pois apesar de todas as dificuldades vividas há um “querer viver teimoso, irrepreensível” (MAFFESOLI, 2012, p.17). É como um grande devir, que traz consigo inúmeras potencialidades (DELEUZE; GUATARRI, 1997), dificuldades e possibilidades.

Para a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados)<sup>2</sup>, os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Normalmente, estas pessoas vivem uma intolerável situação de periculosidade, onde, em muitos casos, a única solução é cruzar fronteiras internacionais e buscar a segurança, nem sempre possível, em outros países onde passam a ser consideradas refugiadas.

Ainda de acordo com a Instituição, em 2015, havia 244 milhões de migrantes internacionais. Este número representa um aumento de 41% quando comparado ao ano de 2000. Os números denotam a importância da questão das migrações na nossa sociedade contemporânea. Ainda de acordo com a entidade, em 2017, havia no mundo mais de 68 milhões de pessoas que saíram de seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, de acordo com o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, órgão ligado ao Ministério da Justiça, até o final de 2016 havia um total de 9.552 refugiados, de 82 nacionalidades<sup>3</sup>.

A globalização é um processo amplo que envolve nações e nacionalidades e que expressa uma nova forma de expansão do capitalismo. Seus recentes movimentos se iniciaram no início da década de 1990, com a popularização da internet. Virilio (1996) atesta que a produção de chineses é uma característica inerente e inegável da sociedade globalizada. Para o autor, a sociedade contemporânea global é essencialmente dromológica, isto é, uma sociedade imersa na movimentação, na circulação, no trânsito e no nomadismo, que imprimem ao tempo um ritmo cada vez mais

2 UNHCR – THE UN REFUGEE AGENCY. *Global Trends 2017 – Média*. Disponível em: <[www.unhcr.org/global-trends-2017-media/](http://www.unhcr.org/global-trends-2017-media/)>. Acesso em: 10/09/2019.

3 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Refúgio em números – 3ª edição*. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf/](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf/)>. Acesso em: 10/09/2019.

intenso. O sujeito da atualidade, então, é um sujeito cinético, vivendo uma movimentação ininterrupta no plano social, cognitivo, emocional e afetivo, tornando-se desenraizado tanto no aspecto material (geográfico) quanto no aspecto imaterial (social e psicológico). Enquanto processo (ou fenômeno) econômico, social e cultural, pressupõe a interação entre pessoas, economias, mercados e culturas, em todo o mundo. Neste processo, as nações veem sua soberania, identidades e redes de comunicação sofrerem as consequências do fluxo de atores transacionais (Beck, 1999).

Para Hall (2009), a globalização possui forte impacto na construção do sujeito pós-moderno, onde as identidades começam a ser partilhadas a partir do consumo: “consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmos serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens” (IDEM, p. 74). Canclini (2015) complementa dizendo que os processos globalizadores reafirmam a interculturalidade ao criarem mercados mundiais de bens materiais e monetários, além de mensagens e migrantes. É a celebração do móvel, onde as identidades se encontram em formação contínua (MAFFESOLI, 2012).

A internet, fator preponderante no processo da globalização, surgiu para fluidificar as fronteiras, contribuindo com o livre fluxo de práticas culturais e novas formas de consumo e experiências, por meio da instantaneidade do transporte da informação. E é graças a estas fronteiras fluidas que as pessoas, protagonistas de uma diáspora forçada, (como é o caso dos variados grupos que migram para o Brasil e fixam residência na cidade do Rio de Janeiro) passam a ter informações e contatos com os muitos locais possíveis de migração, ajudando na definição do destino.

### **3 CONSUMO, SOCIABILIDADES, MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS**

Como foi dito anteriormente, o *locus* de observação deste trabalho é a Feira de Refugiados Chega Junto. Este evento é uma parceria do Projeto Chega Junto, da Junta Local e da Cáritas-RJ. O objetivo do Projeto é promover a integração socioeconômica e cultural dos imigrantes-refugiados no cenário carioca por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como um elemento que valoriza a interculturalidade e o empoderamento dos refugiados. A Junta local, por sua vez, é uma comunidade localizada no município do Rio de Janeiro que se propõe a criar espaços físicos e virtuais para reunir consumidores que buscam comida de qualidade, oferecida a um preço justo, e pequenos produtores.

A Cáritas foi criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1956. Seu principal objetivo é articular obras sociais católicas em todo território nacional. Em 1976 teve início o trabalho com os refugiados. Numa iniciativa pioneira a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a acolher e prestar assistência aos refugiados que chegavam à cidade. Eles vinham dos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai e chegavam aqui fugindo da perseguição política dos regimes militares. Na mesma época, Dom Eugênio Sales decidiu instalar um serviço permanente de ajuda aos refugiados. Com o auxílio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o cardeal designou a Cáritas-RJ para assumir essa tarefa em nome da Arquidiocese,

dando origem ao primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil.

A Feira existe desde 2016 e acontece sempre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo, um dos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Como um grande mosaico societal, a feira se traduz numa grande festa, onde se tem a oportunidade de visitar diversos países e experimentar novos e inusitados sabores, sem sair do lugar. Visitar a Feira é participar de uma experiência imersa nos mais variados idiomas, indumentárias, imagens, cheiros, e acima de tudo, paladares. Como num romance polifônico (BAKTHIN, 1997), todas as vozes se fazem ouvir, num frenesi próprio das feiras. Os visitantes transitam livremente entre uma barraca e outra, se vinculando a todas as culturas presentes, viajando sem sair do lugar.

Enquanto espaço de celebração transcultural e gastronômica, proporciona uma reflexão sobre cidadania, alteridade, ressignificações identitárias e culturais. Por meio das múltiplas interações e sociabilidades, as identidades de todos os que ali estão vão sendo hibridizadas e ressignificadas, uma vez que nesse espaço

(...) tão fluidicamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se estruturam em conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais (CANCLINI, 2015, xxii)

As pesquisas acerca dos rituais de consumo ocorridos nas sociabilidades, bem como da memória, podem possibilitar o entendimento de como indivíduos e grupos formam e expressam ideias, conceitos, pensamentos e identidades, ou seja, como interagem cotidianamente na sociedade em que vivem. No cenário contemporâneo e globalizado tanto as identidades quanto as práticas culturais se encontram em constante movimento, num incessante processo de construção e reconstrução de sentidos. Desta forma, nem uma nem outra pode mais ser considerada como unidade estável, inserida em limites precisos da ocupação de um território (CANCLINI, 2015). Rasse (2015) complementa dizendo que identidades e culturas devem ser vistas como algo em construção, mas que isso só será possível se percebermos os novos fluxos transacionais como fontes de reconstrução e não como fontes de influências desestruturantes.

No trabalho de campo, cada vez que vou a Feira procuro observar os rituais de consumo e apreender as variadas interações, sociabilidades e ressignificações presentes no evento, buscando significados nos mais variados signos e imaginários presentes. Sei que estou diante de um grande desafio, em função das inúmeras subjetividades presentes, bem como da dificuldade de “fixar os significados de modo que fiquem estáveis por algum tempo” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 109).

Na chegada, antes mesmo de se adentrar no evento, já chama a atenção as inúmeras bandeiras estendidas lado a lado, ao longo da extensa grade da igreja. São aproximadamente vinte, prenunciando toda pluralidade intercultural que aguarda os visitantes. Inúmeras nacionalidades se fazem presentes, dentre elas a

colombiana, a congoleza, a togolesa, a venezuelana, a haitiana, a africana, a síria, a indiana e a nigeriana. Cada um dos participantes nos brinda com inusitados sotaques e sabores.

A aproximação com o campo se deu de maneira paulatina. Na primeira visita procurei observar mais e interagir menos. Aproximei-me dos imigrantes-refugiados pedindo para experimentar as comidas. Para eles, naquele momento, eu era apenas mais uma visitante. Procurava comer ali mesmo, aproveitando para conversar e observar as diversas interações presentes. Neste dia fiz contato com aproximadamente seis imigrantes-refugiados, de 5 nacionalidades diferentes: uma libanesa, dois venezuelanos, uma nigeriana, uma síria e uma camaronês.

Apenas no mês seguinte, na segunda visita, me apresentei como pesquisadora e convidei as pessoas com quem tinha feito contato da primeira vez a participar da pesquisa. Todos aceitaram o convite com entusiasmo. Vale ressaltar que há sempre a preocupação de abordá-los em momentos de menor movimento para não atrapalhar suas atividades comerciais. O melhor horário é entre 10h e 11h, quando ainda há pouco movimento e muitos deles ainda estão finalizando os preparos das comidas e a arrumação das barracas.

A comida é a grande estrela da Feira. Funciona como uma linguagem comum que constrói e compartilha significados (HALL, 2016). Enquanto mediadora favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos. Apresenta-se, de maneira concorrente, como um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos, fazendo surgir, de maneira significativa, novas formas de ser, agir, sentir e se relacionar, indo além da questão biológica (MONTANARI, 2013).

Para Carneiro (2003), a alimentação é um complexo sistema de significações sociais e expressão dos desejos humanos, se materializando nos hábitos, costumes e rituais. O autor diz ainda que à exceção do sexo, nenhum outro aspecto do comportamento humano é tão carregado de ideais.

As práticas alimentares são o ponto de encontro entre diferentes culturas, onde as culturas alimentares serão mais ricas quanto mais intensas e frequentes forem as trocas. Para os imigrantes-refugiados que trabalham na Feira a comida é acima de tudo um elemento cultural, que possui uma narrativa própria e que ajuda a contar a história de cada um deles. Atua e é valorizada como uma linguagem universal, onde não há necessidade de intérpretes. É a linguagem sensorial e universal do paladar (MONTANARI, 2013).

O consumo é um fenômeno social e cultural, com forte carga simbólica. Está presente em qualquer atividade humana, sendo responsável por transformações sociais que marcaram de forma definitiva a sociedade ocidental. Na Feira pode ser entendida como um ritual, que, enquanto prática social e cotidiana, faz parte da estruturação de valores e (re)construção das identidades, permeando as relações sociais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013; BARBOSA, 2004; McCracken, 2003)

Ao correlacionar cultura e consumo McCracken (2003) chama a atenção para o fato de que os bens são carregados de significados. Na Feira, entendida como um bem físico e simbólico, a comida é utilizada pelos atores sociais presentes para

expressar identidades, estilos de vida, cultivar ideais e promover aproximações. Isso ocorre porque ela opera nos seguintes planos: (a) plano do afeto, ao remeter a lembrança do refugiado a sua pátria; (b) plano das relações de sociabilidade, onde a comida opera como um elo social, de compartilhamento; (c) plano de apropriação identitária, onde a comida é usada como valor de troca e como um signo distintivo cultural, sendo por isso valorizada e consumida pelos frequentadores e (d) como forma de inserção deste grupo na dinâmica econômica da cidade.

Não só os pratos típicos, mas cada interação, cada contato com o diferente possui sua própria camada de significados. Nas interações e sociabilidades estão implícitas várias mensagens, presentes num sem número de representações e imaginários. Elas proporcionam a apreensão, na maioria das vezes de forma inconsciente, de vários e diferentes elementos, fazendo com que haja a identificação de si e do outro, num exercício de alteridade. Nelas as relações se multiplicam, gerando novas e inusitadas fontes de trocas, em função da mutabilidade das motivações e interesses. Conforme atesta Simmel, a sociabilidade “é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são, na experiência concreta, indissociáveis” (2006, p.65).

Neste sentido, as sociabilidades facilitam o hibridismo cultural e identitário ao proporcionar experiências de diversas ordens: estética, gastronômica, cultural, identitária e afetiva, permeando, dessa forma, o imaginário coletivo dos imigrantes-refugiados e dos cariocas.

Durantes minhas conversas com os visitantes pergunto o que eles acham da Feira, quais são suas impressões. Muitos deles, principalmente os que estão indo pela primeira vez, dizem que gostam muito, mas assumem que chegaram com ideias pré- concebidas, conforme os fragmentos de entrevistas apresentados abaixo. Os nomes foram trocados para preservar a privacidade dos respondentes:

“Vim na Feira pela primeira vez a convite do meu irmão. Queria ser solidária e aproveitar para provar comidas diferentes.[...] Pensava que ia encontrar pessoas tristes, sem opções, quase pedintes. Fiquei surpresa com aquele lugar colorido.[...] Ninguém pedia nada. As pessoas que vendem as comidas são muito alegres e gentis.” (Viviane. Entrevista concedida em 24/11/2018)

“Sempre pensei que os refugiados fossem pessoas miseráveis, uns pobres coitados. Pelo menos é isso que dá para entender das reportagens que passam na televisão [...]. Não é nada disso [risos]” (Paulo. Entrevista concedida em 24/11/2018)

As falas dos entrevistados expressam alguns dos imaginários estereotipados presentes no cotidiano dos moradores da cidade carioca. Para Hall (2006, p.190), o estereótipo é “um conjunto de práticas representacionais”, que possui efeitos reducionistas, ou seja, limita as pessoas a simples e essenciais características, de representação fixa. Os estereótipos negam a diversidade e a mutabilidade das representações.

É possível observar, também, que a partir do contato com o diferente (os imigrantes-refugiados), os imaginários iniciais se modificam. Além disso, num processo de resignificação mútua, os visitantes também têm suas identidades hibridizadas e resignificadas por meio da transferência de significados, que ocorre a partir do contato e troca com diferentes práticas culturais:

“É a terceira vez que venho. Adoro trazer as crianças. [...] Já tentei reproduzir alguns pratos. Não ficaram a mesma coisa, mas ficaram bons [risos]. [...] Fiquei com muita vontade de aprender espanhol. Já coloquei no meu planejamento do ano que vem. (Cláudia. Entrevista concedida em 31/08/2019)

Além do consumo, a memória também faz parte do processo de construção e (re)construção identitária. Halbwachs (2004) afirma que a memória é um fenômeno social e fundamentalmente coletivo. Desta forma pode ser entendida como um elemento constitutivo da formação da identidade (individual ou coletiva). Ao destacar a participação do grupo social na reconstrução das lembranças, o autor coloca o tema da memória na relação do indivíduo com a sociedade. Assim, as memórias individuais nada mais são que um ponto de vista da memória coletiva, ou seja, um ponto de convergência de diferentes influências sociais.

Ao lembrar-se de algo, as pessoas se valem de um quadro de significados compartilhados que serve como referência. A noção de tempo e espaço é igualmente fundamental para a rememoração de uma situação, independentemente de que ordem seja. Isso porque as localizações espaciais e temporais são a essência da memória.

Enquanto preparam as comidas típicas os imigrantes-refugiados são envolvidos por memórias e lembranças de uma vida, para a maioria deles, não mais possível. Conversando com alguns deles pergunto qual o sentido da comida. O que eles sentem e do que se lembram no momento da escolha do prato, da separação dos ingredientes, enfim, durante todo o ritual que envolve o preparo dos pratos típicos que são oferecidos aos visitantes da Feira. Minha intenção é tentar entender como se dá a atuação da memória no processo da reconstituição dos vínculos perdidos, além de procurar entender como se dá a resignificação identitária, tendo a comida como elemento de mediação e vinculação. Nas palavras deles:

“É assim... Quando estou aqui, preparando as comidas, sempre lembro da minha casa lá na Síria, quando cozinhava para minha família. Parece que escuto a voz da minha mãe e sinto o cheiro que vem do fogão. Aí, alguém me chama e eu volto, né? Vejo que tô bem longe [risos emocionados].” (D. Maria, síria. Entrevista concedida em 30/03/2019)

“Quando eu cozinho e o cheiro da comida toma conta da cozinha, quase sempre meu peito aperta. Às vezes isso acontece aqui na Feira. Lembro da minha vida antiga, do meu emprego e dos meus amigos. Aí, eu lembro que tudo isso é passado, que minha vida agora é outra e que eu tenho que ser forte e aproveitar essa vida, aprender a gostar daqui e fazer novos amigos. Sinto muita falta do meu antigo trabalho. Às vezes tenho um pouco de raiva, também” (Miguel, venezuelano. Entrevista concedida em 23/02/2019)

É possível verificar nas falas dos entrevistados que nos momentos da preparação da comida, repletos de emoção e nostalgia, se manifesta a memória individual e coletiva. Numa compressão espaço-tempo há um momento de *invaginação*, onde o tempo congela e há o regresso ao ventre, (MAFFESOLI, 2012), ou seja, o regresso simbólico ao país e a casa de origem.

A comida, então, funciona como uma “ponte”. Ao mesmo tempo em que possibilita o “regresso”, proporciona novos caminhos e novas formas de vida. Para Simmel (2006), a metáfora da ponte acentua o sentido de (re)união, superando a distância entre as extremidades, possibilitando o “ir e o vir”. Por este caminho simbólico, os imigrantes-refugiados reconstituem os vínculos perdidos ao mesmo tempo em que ressignificam suas atuais existências culturais e identitárias por meio do contato com a cultura viva da cidade do Rio de Janeiro.

A memória é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento por trazer em si o sentimento de algo já visto e reconstrução por ser elaborada em um novo tempo e em um novo lugar, onde novas representações se fazem presentes. Isso faz da imagem do tempo antigo algo alterado e possuidor de novos significados. Desta maneira, a memória também, tal quais as identidades, é ressignificada em função de novas experiências e interações (HALBWACHS, 2004).

Assim sendo, as memórias dos imigrantes-refugiados que trabalham na Feira não estão relacionadas apenas à reprodução das experiências passadas. Trata-se, em realidade, da reprodução destas experiências em consonância com a realidade do vivido no presente e apoiada pela cultura da cidade.

Identidade, sociabilidade e memória, então, fazem parte de um diálogo social. A percepção de si e do outro são referenciadas nas origens históricas, tanto dos imigrantes-refugiados quanto dos participantes da Feira, bem como de toda a sociedade carioca. São definidas por meio de uma memória social compartilhada que é responsável pela expressão dos valores e crenças culturais. Em cada edição os imaginários e as práticas cotidianas de todos os atores sociais envolvidos são “contaminados”, como resultados das interações e sociabilidades. Imaginários e identidades são construídos e reconstruídos de forma profícua e contínua, que por sua vez dão origem a novas práticas culturais.

Numa das visitas, percebi que o próprio lugar que abriga a Feira é também ressignificado, assumindo novos significados imateriais. A igreja permanece o tempo todo aberta, acolhendo todos os presentes, independentemente de nacionalidades e credos. Enquanto o pátio interno recebe as barracas, a escadaria da entrada da igreja é invariavelmente o palco de shows de música e dança, sempre multiculturais. O templo, de construção imponente com suas imagens e vitrais, faz um harmonioso conjunto com a efervescência, a alegria e a pluralidade cultural presente, assumindo, de forma concorrente, imaginários sagrados e profanos.



Imagem 1: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 16/06/2018. Fonte: Acervo Pessoal.

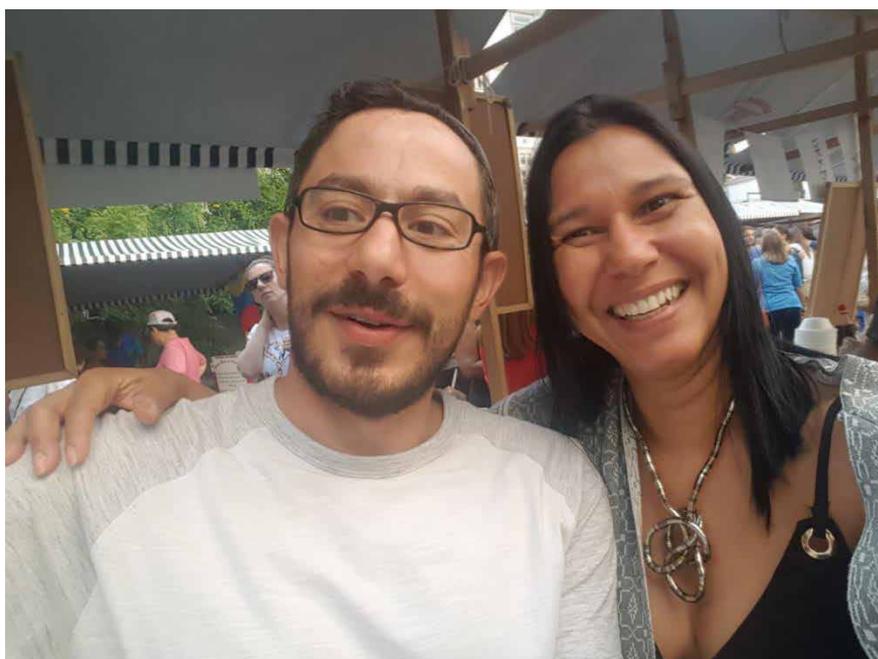


Imagem 2: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 16/06/2018. Fonte: Acervo Pessoal



Imagem 3: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 16/06/2018. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 4: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 16/06/2018. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 5: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 27/04/2019. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 6: Feira de Refugiados Chega Junto, que ocorre nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 27/04/2019. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 7: Movimento da Feira de Refugiados Chega Junto.

Fonte: página da Feira de Refugiados Chega Junto no Facebook. Disponível em [https://www.facebook.com/search/photos/?q=feira%20chega%20junto&epa=SERP\\_TAB](https://www.facebook.com/search/photos/?q=feira%20chega%20junto&epa=SERP_TAB). Acesso em 12/12/2019.



Imagem 8: Grades da Igreja Anglicana Christ Church Rio, onde acontece, mensalmente, a Feira de Refugiados Chega Junto. A igreja está localizada na Rua Real Grandeza no 99 – Botafogo – Rio de Janeiro. Data: 27/04/2019.

Fonte: Acervo Pessoal.

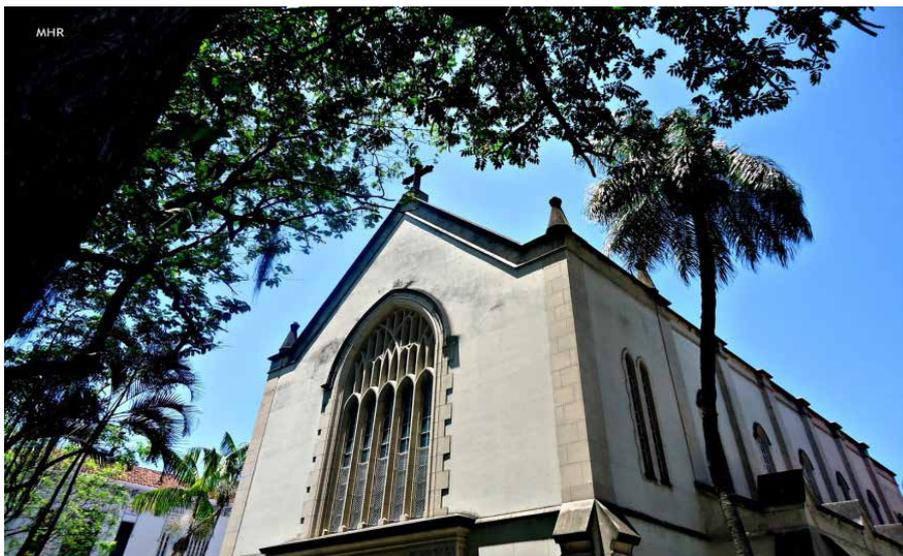


Imagem 9: Parte da Igreja Anglicana Christ Church Rio, onde acontece, mensalmente, a Feira de Refugiados Chega Junto.

Fonte: <http://mhrfotos.blogspot.com/2017/11/mais-um-velho-desejo-realizado.html>. Acesso em 12/12/2019.

#### 4 CARIOCAS SOLIDÁRIOS? NEM TANTO...

**N**esta pesquisa é importante tensionar o imaginário vigente que apresenta o carioca como solidário e “de braços abertos”. Ao chegar, este grupo se depara com a “força do lugar”, que é o reflexo dos processos disciplinares que refletem a formação social vigente (FOUCAULT, 1999). A cidade possui regras e códigos próprios, de natureza material e imaterial, como as leis, a cultura e o *modus operandi*, tangibilizados no cotidiano dos moradores da cidade e na existência das demais organizações e instituições. Neste cenário, estas pessoas se vêm diante da necessidade de negociar com a cultura local seus próprios espaços (materiais e imateriais), o que dá origem a conflitos e tensões que se encontram abaixo da superficialidade que os apresenta se inserindo de maneira orgânica na dinâmica da “cariocalidade” local.

A possibilidade de vivenciar uma violência simbólica pode tornar intimidador o encontro (e o confronto) com o desconhecido. Esta violência possui uma relação direta com a negação do outro, com a negação da diferença. Os imigrantes-refugiados são vistos por parte da sociedade carioca como corpos dóceis, manipuláveis e obedientes, onde lhes são impostos obrigações e limitações (FOUCAULT, 1999). São corpos carregados de invisibilidade.

A presença implícita do conflito no desenvolvimento das novas territorialidades e consequentes ressignificações identitárias e culturais nos mostra que não se pode considerar a transculturalidade como um sistema de fusões sem considerar os aspectos das diferenças identitárias e culturais, como se elas fossem sem relevância, anódinas. Em realidade, só se pode entender a dinâmica interacional considerando estas diferenças e entendendo como se dá a apropriação e a interpretação dos códigos materiais e simbólicos presentes. (CANCLINI, 2015).

Quando pergunto sobre os principais problemas enfrentados quando chegam, a dificuldade com o idioma aparece em primeiro lugar. Para eles, não conseguir se comunicar dificulta todo o resto. Porém, eles também relatam episódios de discriminação e xenofobia, conforme visto no fragmento de entrevista abaixo:

“Quando cheguei não sabia falar nada de português. Chorava todos os dias. Depois que aprendi um pouco, tentei arrumar um emprego. Uma vez, numa fila uma pessoa me disse para eu voltar para meu país, que a gente estava roubando emprego deles. Minha filha chegava da escola chorando porque as outras crianças chamavam ela de esquisita.” (Nélia. Entrevista concedida em 23/02/2019)

No interesse de suas necessidades (e por que não dizer, desejos) a presença destes novos corpos na cidade pode ser associada a um ato político (BUTLER, 2015), de caráter reivindicatório pelo direito a cidade. Afinal, estas pessoas têm direito a mobilidade, a liberdade, a habitação, a trabalho, a socialização e a manutenção das suas individualidades. (LEFEBVRE, 2001).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**m todo o mundo, a questão da migração em massa tem impactado de muitas maneiras a economia e a vida cotidiana de muitas nações e de várias comunidades. Os motivos para esta migração são os mais variados, sendo os principais: o recrudescimento das diferenças, as perseguições (políticas, étnicas ou culturais), a busca por melhores condições de vida ou em função de projetos acadêmicos.

Muitos desses imigrantes-refugiados, ao chegarem numa terra estranha, buscam sua integração à nova sociedade por meio da comercialização de comidas típicas de seus locais de origem. A Feira de Refugiados Chega Junto tem como objetivo exatamente isso: promover, por meio da venda de comidas típicas, a inserção dos refugiados na cultura da cidade do Rio de Janeiro, possibilitando a existência de interações e sociabilidades.

A comida, protagonista da Feira, atua como mediadora, facilitando a vinculação, econômica, física e simbólica dos refugiados à nova sociedade de acolhimento, a sociedade carioca. Além disso, se apresenta como um elemento de religação com a identidade primordial dos refugiados. Atua, ainda, como uma linguagem comum que constrói e compartilha significados, ao mesmo tempo em que favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos.

O consumo, a memória e a identidade fazem parte do diálogo social, regendo as relações das pessoas com as sociedades nas quais estão inseridas. O entendimento desses fenômenos, ocorridos na Feira e presentes nas interações e sociabilidades, facilita o entendimento de como são construídas, afirmadas, resignificadas e expressas as identidades dos imigrantes-refugiados presentes na Feira e vítimas de um processo diaspórico forçado.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Lívia. Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BECK, Ulrich. O que é globalização? Equívocos do globalismo, resposta à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BUTLER, Judith. Notes Toward a Performative Theory of Assembly. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 2015.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CARNEIRO, Henrique. Comida e Sociedade: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5: Ed. 34, 1997.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2013.
- FOUCAUT, M. Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- GAMBINI, R. "Corações Partidos no Porto de Gênova", in Revista Estudos Avançados, vol. 20, n. 57. São Paulo, IEA/USP, 2006.
- HAJI, Elhajji. Rio de Janeiro-Montreal: conexões transnacionais/ruídos interculturais. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos 12(3): 177-184, setembro/dezembro 2010.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. Centauro, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MCCRACKEN, Grant. Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- MONTANARI, Massimo. Comida como cultura. São Paulo: SENAC, 2013.
- RASSE, Paul. La Diversité Culturelle. Les Essentiels d`Hermes. Paris: CNRS Édition, 2015.
- SAYAD, Abdelmelek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP. 1998.
- SIMMEL, Georg. Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade: Zahar, 2006.
- VIRILIO, Paul. Velocidade e Política. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.